Dois Poemas do Ossian de Macpherson[1]

Thiago Rhys Bezerra Cass
Doutorando/ Universidade de São Paulo (USP)

Resumo: Após uma breve introdução, pode-se ler a tradução de dois poemas atribuídos a Ossian: *Oina-morul* e *Colna-dona*. Tentei recriar a versão de James Macpherson da linguagem e da poesia primitivas, em que a épica e a lírica se confundem.
Palavras-chave: Ossian; James Macpherson; Tradução.

Abstract: After a short introduction, two new Portuguese translations of poems attributed to Ossian are presented – *Oina-morul* and *Colna-dona*. I intended to recreate James Macpherson's rendering of the primitive Celtic language and poetry, through which epic and lyrical genres are intertwined.
Keywords: Ossian; James Macpherson; Translation.

Résumé: Après une brève introduction, on peut lire la traduction de deux poèmes attribués à Ossian: *Oina-morul* et *Colna-dona*. J'ai essayé de recréer la version de James Macpherson de la langue et de la poésie primitifs, où l'épique et la lyrique se chevauchent.
Mots-clés: Ossian; James Macpherson; Traduction.

Algumas palavras sobre os "Poemas de Ossian"

Os poemas atribuídos ao bardo Ossian foram mostrados ao mundo como relíquias do século III d.C. A esse "Homero do norte" (cf. Staël 1800:135; Gaskill 2007-2008:13-24), como viria a ser conhecido, seriam

1. Recebido em 15 de maio de 2011. Aprovado em 1 de julho de 2011.

atribuídos dezesseis fragmentos, dois épicos (*Fingal* e *Temora*) e vinte e um poemas narrativos ou dramáticos de menor extensão.

Seu suposto tradutor e editor seria o jovem escocês James Macpherson (1736-1796), um poeta obscuro proveniente dos Highlands, que surgira para os então famosos *Edinburgh literati* (dentre os quais se destacam John Home, Hugh Blair e Adam Ferguson) como profundo conhecedor do idioma e da poesia gaélica cantada pelos bardos de sua terra natal (Stafford 1988:77 e ss.).

Após a publicação, em 1760, de alguns *Fragmentos de Poesia Antiga*, Macpherson se empreenderia numa expedição rumo aos Highlands, sob o patrocínio de diversos gentis-homens de então, com o fulcro de coletar a maior quantidade possível de composições.

Os frutos dessa expedição surgiram em 1762 (Gaskill 1994:643-675), em dois momentos. Inicialmente, publicaram-se o épico *Fingal* e uma série de outros poemas atribuídos a Ossian. Num volume apenso, estava uma dissertação do retor Hugh Blair sobre as composições ossiânicas. Logo depois, apareceram alguns outros poemas e outro épico, *Temora*.

Em 1765, são impressos todos os poemas que haviam aparecido – e que haveriam de aparecer – numa só edição. Conjuntamente, fazia-se presente uma versão revista da monografia de Blair. Os poemas da edição de 1765 teriam sua redação substancialmente retrabalhada em 1773.

Ambientada num passado magnífico e redigidos numa prosa poética que fugia das convenções neoclássicas de então, essa coleção de poemas (intitulada, a partir de 1762, de os *Poemas de Ossian*) se apresentava num estranho estilo que, ao subverter os cânones da época, tentava criar uma nova forma literária que atribuísse valor – estético e moral – a culturas, como a escocesa, que não pudessem se vangloriar de suas conquistas políticas, militares e artísticas.

Fazia dos imemoriais tempos primitivos o ponto de origem das instituições e dos modos de vida da sociedade escocesa anterior ao domínio inglês, a dotá-los de uma venerabilidade que pudesse tornar irrelevante a ausência das benesses da civilização, tal qual entendida por seus apologistas nos séculos XVIII e XIX. No caso específico dos *Poemas de Ossian*, contrapunha,

implícita e explicitamente, a polidez e as supostas liberdades civis inglesas à sensibilidade marcial dos habitantes das Terras Altas, sinceros na expressão de seus sentimentos e devotados a uma existência sóbria e guerreira.

O impacto das ditas traduções seria imorredouro, conquanto se tenha aferido que contivessem substanciais intervenções de Macpherson, de molde a realçar o seu caráter heróico, inserir mensagens de apreço à causa jacobita e desenhar uma genealogia que atribuísse a prevalência dos celtas da Escócia sobre os da Irlanda (cf. Thomsom 1998:17-26; Murphy 1986:567-591).[2] Infundiriam no passado nacional um poderoso elemento de identificação comunitária e, sobretudo, uma fonte inesgotável de orgulho por conta do local e do particular, pondo por terra os parâmetros de apreciação universal legados pelos clássicos.

De tal modo, a iniciativa de Macpherson seria emulada na Europa e nas Américas (ver Aguiar 1999; Bär 2010:57-152; Buescu 2001; Carpenter 1931:405-17; Fridén 1949; Gaskill 1994:643-675; Gaskill 2004; Gaskill 2010:15-53; Manning 1998:136-152; Manning 1982:39-54; Manning 1997:219-236; McLaughlin 1993:627-634; Meyer 1988:68-75; Montiel 1969:146-179; Tombo 1966; Van Tieghem 1917; Van Tieghem 1920; Williams 2003:475-490). Impele gerações de escritores, folcloristas e historiadores a servir de mediadores de culturas tidas como selvagens ou em vias de desaparecer, com o intuito de transmitir, valorizar ou recuperar os seus saberes, as suas lendas e os seus modos de vida. Essa interferência de um olhar moderno num meio menos avançado, no entanto, foi muitas vezes problemática. Animados por um ímpeto patriótico, diversos autores distorceram e interpretaram as suas pesquisas com o propósito de transformá-las numa espécie de repositório da grandeza original da nação. Essa grandeza, deve-se dizer, era frequentemente medida pelos critérios das sociedades modernas, e não de acordo com o valor intrínseco do que era coletado (Porter 2001:396-435).

2. Para K. K. Ruthven, é praticamente impossível distinguir as intervenções de Macpherson dos originais celtas. Assim, declara que os *Poemas de Ossian* têm uma dúplice autoria: Ossian e Macpherson —ou, numa síntese irônica, "Macphossian" (Ruthven 2001:9 e ss.).

As traduções

A fim de seguirmos o costume dos estudos ossiânicos, as duas traduções abaixo arroladas, *Oina-morul* e *Colna-dona*, foram feitas de acordo com o texto da edição de 1765, recentemente republicada pela Universidade de Edimburgo.

Em tais composições, a despeito de seu atípico e feliz desfecho, encarna-se o elemento mais representativo da poesia atribuída a Ossian – e que, posteriormente, seria emulado ao redor do globo: a desbragada sentimentalidade que se supõe existir na alma primitiva.

Trata-se de uma sentimentalidade que tanto pauta a conduta das personagens quanto adentra na voz do narrador ou elocutor poético, a reverberar na própria estruturação de cada um dos poemas.

Essa sentimentalidade faz com que, em *Colna-dona*, a jovem cujo nome fornece o título ao poema transgrida os papéis que o público da época esperava de cada gênero e travista-se de homem para seguir o seu amado. Nos *Poemas de Ossian*, diversas damas fazem-se viragos (cf. Kozlowski 1998:119-135). Ecos desse tipo de caracterização varonil de mulheres primitivas podem ser encontrados, na literatura brasileira, na disposição de Iracema, de José de Alencar, de pegar em armas para defender o seu amado, o português Martim (Lemaire 1989:59-73; Bellei 1999:63-80; Moraes Pinto 1995:58; Bezerra Cass 2010:66-68 e 83-84).

O solapar da razão pelas emoções também explica o comportamento belicoso dos guerreiros Ton-thormod e Toscar, que não tecem quaisquer considerações acerca da conveniência ou da oportunidade de suas ações: entregam-se à luta independentemente do mal que virão causar a si ou a outrem. E explica também a prostração das personagens idosas, como Mal-orchol, que, conscientes da decadência de suas forças, pouco conseguem fazer, rendendo-se apenas ao lamento.

Como escrito acima, toda essa sentimentalidade também aflora na voz que apresenta os acontecimentos dos poemas e em torno da qual os ditos poemas se estruturam. Essa voz pertence a Ossian, um bardo velho e cego, que gozara de algum renome no passado, mas que, no momento

de sua elocução poética, vê-se decrépito e solitário. Sua tristeza pela glória perdida lhe retira as forças para impor o desenvolvimento da narrativa, de molde a oscilar, como já observara Hegel, entre a objetividade da épica e as efusões da lírica (Hegel 2004:118; 124; ver também Laing 1805:410, nota). Esse entremesclar de gêneros literários é reforçado, ainda, por uma recusa de estabelecer distinções precisas, por meio de pontuação, entre a voz do bardo e a voz das personagens, o que resulta num tecido textual carregado de monologia, da expressão única do eu ossiânico.

Nas duas traduções abaixo, a despeito de todo o estranhamento que possa causar ao leitor de língua portuguesa, busquei manter intacta a mencionada monologia. Ela era estranha também aos leitores britânicos do século XVIII, fato esse que levaria Macpherson a suavizá-la na edição de 1773 (Gaskill 1994:643-675). Penso, no entanto, que a transposição para o português dos *Poemas de Ossian* em toda a sua indistinção formal talvez possa servir de subsídio para a compreensão de algumas das fontes em que se embasaram autores brasileiros na criação daquela que seria a fala de nossos povos primitivos, notadamente José Alencar, com os seus "poemas em prosa" ou "romances poemáticos".

Sobre as traduções abaixo, cabem ainda algumas palavras.

Nos séculos XVIII e XIX, houve diversas versões, no Brasil e Portugal, das composições ossiânicas. Dentre os seus tradutores, figuram nomes ilustres, como os de Bocage, Marquesa de Alorna, Almeida Garrett, José Bonifácio e Fagundes Varella (ver Aguiar 1999: *passim*; Buescu 2001:181-271).[3]

Embora haja duas traduções oitocentistas com que poderia embasar as minhas versões de *Oina-morul* e *Colna-dona*,[4] preferi assumir integralmente a responsabilidade pelos textos que ora apresento.

---

3. Ver os excertos traduzidos nos trabalhos de Paulo Paes, Gomes e Bezerra Cass (Paulo Paes 2008:206-216; Gomes 1956:21; Bezerra Cass 2010: *passim*).

4. A. S. D. Gama foi o tradutor de *Oina-morul*, que apareceu no primeiro volume do periódico *A península*, em 1852, sob a forma de pentâmetros em ritmo iâmbico. *Colna-dona*, por sua vez, foi vertida, numa prosa bastante fiel ao original, por Gervásio Lobato, em 1868, para o número 18 da *Gazeta Litteraria*. Para a reprodução dessas traduções portuguesas de Ossian, ver a recente edição de Bär (Bär 2010:240-242; 245-247).

De minha parte, optei por um vocabulário muitas vezes raro e arcaizante, num esforço por recriar algo equivalente ao idioma em que os *Poemas de Ossian* eram expressos. Assim como muitas das composições do período (especialmente as de Thomas Gray) que evocavam um passado remoto (Todd 1986:53), Macpherson empregou vocábulos renascentistas e, em muitos pontos, valeu-se de uma grafia já desusada. Aliterações e assonâncias, traço estilístico da suposta multissonora fala primitiva, também foram deliberadamente buscadas.

Fiz intervenções com o intuito de evitar cacofonias. Em *Colna-dona*, por exemplo, algumas vezes abreviei o nome da jovem protagonista, a fim de livrar o texto de algumas construções ridículas. Assim, ao invés de traduzir "Colna-dona of harps" por "Colna-dona das harpas", preferi simplesmente "Colna das harpas". Permiti-me também mudar o nome de uma localidade: de "Lutha", alterei-o para "Leutha". O motivo, por óbvio, foi contornar a homofonia em relação ao substantivo "luta". Tal substituição é decalcada da poesia de William Blake, cujas composições em muitos pontos reconfiguraram o imaginário ossiânico (Hutchins 2002:1-24).

Para diferenciar as minhas anotações daquelas feitas pelo próprio Macpherson, empreguei a numeração romana. As notas da edição de 1765, por sua vez, virão todas sob numeração arábica. Estas últimas tinham o intuito de explicar e conceder verossimilhança aos termos, nomes e expressões de suposta origem gaélica que empregava em suas traduções. Eram um poderoso instrumento de que Macpherson se valia para asseverar o aspecto vetusto e venerável da sociedade escocesa. Também funcionavam como uma espécie de subtexto que servia para expandir o sentido dos poemas. Somos informados, por exemplo, que Colna-dona significa "a paixão dos heróis". Trata-se de uma explicação que toma a donzela por quem Toscar se apaixonaria como uma espécie de entidade que atrai a atenção e, sobretudo, o amor de todos os guerreiros. Tem-se, com tal recurso, uma síntese metafórica dos sentimentos que animam e impulsionam a história. No Brasil, expediente semelhante seria empregado por José de Alencar em *Iracema* e *Ubirajara* (ver Franchetti 2006:18-19; Martins 1977:220; Abreu 2002:41).

Oina-Morul:
um poema Argumento

Depois de um endereçamento a Malvina, a filha de Toscar, Ossian passa a relatar uma expedição a Fuärfed, uma ilha da Escandinávia. Mal-orchol, rei de Fuärfed, sendo duramente pressionado na guerra por Ton-thormod, chefe de Sar-dronlo, o qual demandara em vão a filha de Mal-orchol em casamento, Fingal enviara Ossian ao seu auxílio.[5] *Ossian, um dia depois de sua chegada, lutou contra Ton-thormod e o fez prisioneiro. Mal-orchol oferece sua filha, Oina-morul, a Ossian, mas ele, descobrindo sua paixão por Ton-thormod, generosamente a entrega ao seu amante e proporciona uma reconciliação entre os dois reis.*

Tal qual transmonta o sol inconstante sobre a colina relvosa de Larmon, as histórias de outrora passam à noite por minha alma. Quando os bardos retornam para suas moradas, quando se penduram as harpas nos salões de Selma,[6] eis que vem uma voz a Ossian e desperta sua alma. É a voz dos anos que se foram: eles deslizam diante de mim, com todos os seus feitos. Retenho as histórias e verto-as em canções. A canção do rei não é uma inquieta correnteza: é como a música que emerge das cordas de Leutha. –[7] Leutha das muitas cordas, tuas flumíneas rochas não se quedam silentes quando as alvas mãos de Malvina se movem sobre a harpa. – Luz dos pensamentos sombrios que pairam sobre minha alma, ó filha de Toscar dos elmos, não ouvirás a canção? Evocamos, donzela de Leutha, os anos que se foram.[8]

---

5. Anacoluto no original. Fingal é o grande herói dos poemas ossiânicos. Rei de Morven, na Escócia, é tido como invencível. Contudo, seu comportamento nunca é cruel: é, ao contrário, dotado de imensa magnanimidade. É o pai de Ossian [Nota do Tradutor].

6. Selma era o palácio de Fingal, rei de Morven. Talvez a profusão de pessoas com esse nome (juntamente com o nome de Oscar) seja uma das provas mais contundentes da imensa repercussão dos *Poemas de Ossian* [N. T.].

7. Nos *Poemas de Ossian*, a mudança na focalização é, muitas vezes, indicada pela presença de um travessão [N. T.].

8. O primeiro parágrafo consiste numa apóstrofe lírica, endereçada a Malvina. Finda a apóstrofe, dá-se início à parte narrativa do poema, num expediente em que se confundem os gêneros épico e lírico [N. T.].

Era nos dias do rei,[9] à época em que minhas mechas ainda eram jovens, quando distingui Con-cathlin[10] a erguer-se das noturnas vagas do oceano. Meu curso era em direção à ilha de Fuärfed, arboral moradora dos mares. Fingal me enviara em socorro de Mal-orchol, rei da selvagem Fuärfed, pois a guerra o cercava e, no passado, nossos pais se houveram reunido em júbilo.

Em Col-coiled, abaixei minhas velas e enviei minha espada a Mal-orchol, senhor das conchas. Ele conhecia o sinal de Albion, e sua alegria se ergueu. Veio do alto de seu salão e, com pesar, tomou meu braço. "Por que a raça dos heróis vem ao encontro de um rei decadente? Ton-thormod de muitas lanças é o chefe da undosa Sar-dronlo. Viu e amou a minha filha, Oina-morul de alvo colo. Pediu-me a donzela e eu lha neguei, pois nossos pais foram inimigos. – Ele trouxe a batalha para Fuärfed. Meu povo foi rechaçado. – Por que a raça dos heróis vem ao encontro de um rei decadente?"

Não vim, eu disse, como um menino para assistir a uma briga. Fingal se recorda de Mal-orchol e de seu salão [sempre aberto] aos forasteiros. Das vagas, o guerreiro desceu à tua ilha arboral. Não foste uma nuvem diante dele. Tua hospitalidade se espalhou em canções. Por isso, minha espada se erguerá, e teus inimigos, talvez, fracassarão. Nossos amigos jamais são esquecidos quando em apuros, embora a nossa terra seja distante.

Filho do valoroso Trenmor, tuas palavras são como a voz de Cruth-loda,[11] quando ele, o forte habitante dos céus, fala a partir de sua nuvem evanescente! Muitos se regozijaram à minha mesa, mas todos se esqueceram de Mal-orchol. Olhei na direção de todos os ventos, mas alvas velas não avistei. – Agora é o

---

9. Fingal [Nota de Macpherson].

10. **Con-cathlin: "suave luz das ondas". Qual estrela era, outrora, chamada assim, isso não é facilmente verificável.** Hoje, alguns distinguem a estrela polar por esse nome. Uma canção, que ainda goza de notoriedade dentre a porção marinheira dos *highlanders*, alude a essa passagem de Ossian. O autor louva o conhecimento de Ossian nos afazeres do mar, um mérito que, talvez, poucos de nós, modernos, lhe atribuiríamos – ou mesmo ao tempo em que viveu.
Uma coisa é certa: os caledônios abriram rotas pelos mares arriscados e tempestuosos da Escandinávia, o que é mais, talvez, do que as nações refinadas, vivendo naqueles tempos, ousaram fazer.
Ao estimarmos o grau de conhecimento dos antigos, não convém compará-lo aos avanços dos tempos modernos. Nossas vantagens sobre eles são mais acidentais que decorrentes de algum mérito de nossa parte [N. M.].

11. *Trenmor*: primeiro rei de Morven, bisavô de Fingal. *Cruth-loda*: Divindade escandinava, às vezes referida como "Loda". Noutro lugar, Macpherson sugere ser Odin [N. T.].

aço[12] que ressoa em meu salão, e não mais as alegres conchas.[13] – Acompanhai-me à minha morada, raça de heróis. A noite de sombrias franjas está próxima. Ouçamos as canções que vêm da voz da donzela da selvagem Fuärfed.

Nós fomos. Sobre a harpa se levantaram as alvas mãos de Oina-morul. De cada corda trêmula, ela despertou a sua triste história. Fiquei em silêncio, pois luminosa em suas mechas era a filha de muitas ilhas. Seus olhos eram como duas estrelas a olhar através de uma espessa chuva. O marinheiro as avista no alto e louva as graciosas luzes. – Com a manhã, nós nos precipitamos à batalha, para a ressoante corredeira de Tormul: o inimigo se movia ao som do umbonado escudo de Ton-thormod. De um lado a outro, as hostes se chocavam. Defrontei-me com o chefe de Sar-dronlo. Para longe voou seu estilhaçado aço. Na luta, subjuguei o rei. Atados por correias, entreguei seus braços a Mal-orchol, generoso com as suas conchas. A alegria se ergueu na celebração de Fuärfed, pois o inimigo fracassara. – Ton-thormod virou seu rosto para não contemplar Oina-morul das ilhas.

Filho de Fingal, começou Mal-orchol, não serás esquecido por mim. Uma luz deve habitar em teu navio: Oina-morul de tardívagos olhos. Em companhia de poderosas almas, ela fará resplandecer a bondade. Tampouco ela caminhará incógnita pelos salões de Selma, por entre a morada dos reis.

À noite, deitei-me no salão. Meus olhos estavam semicerrados pelo sono. Suave música veio aos meus ouvidos: era como a ascendente brisa que, primeiro, gira em torno das arestas do cardo e, depois, sopra, sombria, rente à grama.

---

12. Há uma sátira severa implícita nessa expressão contra os hóspedes de Mal-orchol. Caso seus banquetes ainda fossem servidos, caso a alegria continuasse em seu salão, seus antigos parasitas não teriam deixado de lhe prestar socorro. No entanto, como o tempo das festividades passara, sua presença também cessou. Os sentimentos de um certo bardo idoso fazem-se adequados a essa observação. Ele, poeticamente, compara um grande homem a uma chama acesa num local deserto. "Aqueles que o cortejam, diz ele, agitam-se ao seu redor como a fumaça em torno do fogo. Ao longe, essa fumaça dá uma aparência enorme ao fogo, mas não passa de vapor vazio, a variar a sua forma a cada brisa. Quando o tronco que alimentava o fogo é consumido, a fumaça parte com todos os ventos. Dessa forma os bajuladores abandonam o rei quando seu poder declina". Escolhi parafrasear, ao invés de traduzir, em razão de o original ser verboso e lasso, apesar do mérito sentimental do autor. Dos antigos, ele era um dos bardos menores, e suas composições não são animadas o suficiente para suportarem uma tradução literal [N. M.].

13. Ao longo das composições ossiânicas, uma das expressões mais recorrentes é "joy of shells" ou "alegria das conchas". Nos poemas de Ossian, as conchas fazem as vezes de copos. Assim, "a alegria das conchas" alude a uma "alegria dos copos", das festividades [N. T.].

Era a donzela da selvagem Fuärfed: entoava a canção noturna, pois sabia que minha alma era um rio que fluía conforme agradáveis melodias.

Quem olha, ela disse, do alto de sua rocha, para as espessas brumas [que pairam] sobre o oceano? Seus longos cabelos, como as asas do corvo, vagueiam ao sabor do vento. Mesmo no pesar, imponentes são os seus passos. As lágrimas estão em seus olhos. Seu peito viripotente arfa sobre sua alma devastada. – Afasta-te: estou longe, [sou] alguém que vagueia por terras desconhecidas. Embora a raça dos reis esteja ao meu redor, minha alma se queda sombria. – Por que nossos pais foram inimigos, Thon-thormod, paixão das donzelas?

Suave voz da flumínea ilha, por que te lamentas pela noite? A raça do intrépido Trenmor não é sombria em sua alma. Não errarás por rios desconhecidos, Oina-morul de anilados olhos. – Deste peito vem uma voz que não vem a outros ouvidos: ela manda que Ossian ouça os desafortunados em seus momentos de angústia. Recolhe-te, doce cantora do crepúsculo. Ton-thormod não mais se lamentará em sua rocha.

Com a chegada da manhã, libertei o rei. Dei-lhe a sua donzela de longas mechas. Mal-orchol ouviu as minhas palavras ecoarem pelo salão. – "Rei da selvagem Fuärfed, por que Ton-thormod deveria se lamentar? Ele pertence a uma raça de heróis e é uma chama na batalha. Vossos pais foram inimigos, mas agora seus turvos espectros se congratulam na morte. Em Loda, esticam seus braços de névoa para [partilharem da] mesma concha. Esquecei a sua ira, ó guerreiros: era a nuvem de outros anos." –

Esses foram os feitos de Ossian, enquanto suas mechas ainda eram jovens: embora a graça, com vestes de luz, cobrisse a filha de muitas ilhas. – Nós evocamos, donzela de Leutha,[14] os anos que se foram!

14. Trata-se de Malvina, filha de Toscar, a quem se dirige a apóstrofe lírica com a qual se abre o poema [N. T.].

Oina-morul: a poem.

Argument.

After an address to Malvina, the daughter of Toscar, Ossian proceeds to relate his own expedition to Fuärfed, an island of Scandinavia. – Mal-orchol, king of Fuärfed, being hard pressed in war by Ton-thormod, chief of Sar-dronlo (who had demanded, in vain, the daughter of Mal-orchol in marriage), Fingal sent Ossian to his aid. – Ossian, on the day after his arrival, came to battle with Ton-thormod, and took him prisoner. – Mal-orchol offers his daughter Oina-morul to Ossian; but he, discovering her passion for Ton-thormod, generously surrenders her to her lover, and brings about a reconciliation between the two kings.

As flies the inconstant sun, over Larmon's grassy hill; so pass the tales of old, along my soul, by night. When bards are removed to their place; when harps are hung in Selma's hall; then comes a voice to Ossian, and awakes his soul. It is the voice of years that are gone: they roll before me, with all their deeds. I seize the tales, as they pass, and pour them forth in song. Nor a troubled stream is the song of the king, it is like the rising of music from Lutha of the strings. – Lutha of many strings, not silent are thy streamy rocks, when the white hands of Malvina move upon the harp. – Light of the shadowy thoughts, that fly across my soul, daughter of Toscar of helmets, wilt thou not hear the song! We call back, maid of Lutha, the years that have rolled away.

It was in the days of the king,[15] while yet my locks were young, that I marked Con-cathlin,[16] on high, from ocean's nightly wave. My course was towards the isle of Fuärfed, woody dweller of seas. Fingal had sent me to the

15. Fingal [N. M.].

16. Con-cathlin, *mild beam of the wave*. What star was so called of old is not easily ascertained. Some now distinguish the pole-star by that name. A song, which is still in repute among the sea-faring part of the Highlanders, alludes to this passage of Ossian. The writer commends the knowledge of Ossian in sea affairs, a merit which, perhaps, few of us moderns will allow him, or any in the age in which he lived. – One thing is certain, that the Caledonians often made their way thro' the dangerous and tempestuous seas of Scandinavia; which is more, perhaps, than the more polished nations subsisting in those times dared to venture. – In estimating the degree of knowledge of arts among the antients, we ought not to bring it into comparison with the improvements of modern times. Our advantages over them proceed more from accident than any merit of ours [N. M.].

aid of Mal-orchol, king of Fuärfed wild: for war was around him, and our fathers had met, at the feast.

In Col-coiled, I bound my sails, and I sent my sword to Mal-orchol of shells. He knew the signal of Albion, and his joy arose. He came from his own high hall, and seized my hand in grief. "Why comes the race of heroes to a falling king? Ton-thormod of many spears is the chief of wavy Sar-dronlo. He saw and loved my daughter, white-bosomed Oina-morul. He sought; I denied the maid; for our fathers had been foes. – He came, with battle, to Fuärfed; my people are rolled away. – Why comes the race of heroes to a falling king?"

I come not, I said, to look, like a boy, on the strife. Fingal remembers Mal-orchol, and his hall for strangers. From his waves, the warrior descended on thy woody isle. Thou wert no cloud before him. Thy feast was spread with songs. For this my sword shall rise; and thy foes perhaps may fail. – Our friends are not forgot in their danger, tho' distant is our land.

Son of the daring Trenmor, thy words are like the voice of Cruth-loda, when he speaks, from his parting cloud, strong dweller of the sky! Many have rejoiced at my feast; but they all have forgot Mal-orchol. I have looked towards all the winds; but no white sails were seen. – But steel[17] resounds in my hall; and not the joyful shells. – Come to my dwelling, race of heroes; dark-skirted night is near. Hear the voice of songs, from the maid of Fuärfed wild.

We went. On the harp arose the white hands of Oina-morul. She waked her own sad tale, from every trembling string. I stood in silence; for bright in her locks was the daughter of many isles. Her eyes were like two stars, looking forward thro' a rushing shower. The mariner marks them on high, and blesses the lovely beams. – With morning we rushed to battle, to Tormul's

17. There is a severe satire couched in this expression against the guests of Mal-orchol. Had his feast been still spread, had joy continued in his hall, his former parasites would not have failed to resort to him. But as the time of festivity was past, their attendance also ceased. The sentiments of a certain old bard are agreeable to this observation. He, poetically, compares a great man to a fire kindled in a desart place. "Those that pay court to him," says he, "are rolling large around him, like the smoke about the fire. This smoke gives the fire a great appearance at a distance, but it is but an empty vapour itself, and varying its form at every breeze. When the trunk which fed the fire is consumed, the smoke departs on all the winds. So the flatterers forsake their chief, when his power declines". I have chosen to give a paraphrase, rather than a translation, of this passage, as the original is verbose and frothy, notwithstanding the sentimental merit of the author. ¯ He was one of the less antient bards, and their compositions are not nervous enough to bear a literal translation [N. M.].

resounding stream: the foe moved to the sound of Ton-thormod's bossy shield. From wing to wing the strife was mixed. I met the chief of Sar-dronlo. Wide flew his broken steel. I seized the king in fight. I gave his hand, bound fast with thongs, to Mal-orchol, the giver of shells. Joy rose at the feast of Fuärfed, for the foe had failed. – Ton-thormod turned his face away, from Oina-morul of isles.

Son of Fingal, begun Mal-orchol, not forgot shalt thou pass from me. A light shall dwell in thy ship, Oina-morul of slow-rolling eyes. She shall kindle gladness, along thy mighty soul. Nor unheeded shall the maid move in Selma, thro' the dwelling of kings.

In the hall I lay in night. Mine eyes were half-closed in sleep. Soft music came to mine ear: it was like the rising breeze, that whirls, at first, the thistle's beard; then flies, dark-shadowy, over the grass. It was the maid of Fuärfed wild: she raised the nightly song; for she knew that my soul was a stream, that flowed at pleasant sounds.

Who looks, she said, from his rock on ocean's closing mist? His long locks, like the raven's wing, are wandering on the blast. Stately are his steps in grief. The tears are in his eyes. His manly breast is heaving over his bursting soul. – Retire, I am distant far; a wanderer in lands unknown. Tho' the race of kings are around me, yet my soul is dark. – Why have our fathers been foes, Ton-thormod, love of maids?

Soft voice of the streamy isle, I said, why dost thou mourn by night? The race of daring Trenmor are not the dark in soul. Thou shalt not wander, by streams unknown, blue-eyed Oina-morul. – Within this bosom is a voice; it comes not to other ears: it bids Ossian hear the hapless, in their hour of woe. – Retire, soft singer by night; Ton-thormod shall not mourn on his rock!"

With morning I loosed the king. I gave the long-haired maid. Mal-orchol heard my words, in the midst of his echoing halls. – "King of Fuärfed wild, why should Ton-thormod mourn? He is of the race of heroes, and a flame in war. Your fathers have been foes, but now their dim ghosts rejoice in death. They stretch their hands of mist to the same shell in Loda. Forget their rage, ye warriors! it was the cloud of other years." –

Such were the deeds of Ossian, while yet his locks were young: tho' loveliness, with a robe of beams, clothed the daughter of many isles. – We call back, maid of Lutha, the years that have rolled away!

Colna-dona: um poema

Argumento

Fingal manda Ossian e Toscar erguerem uma pedra sobre as margens do riacho de Crona, a fim de perpetuar a memória de uma vitória que [Fingal] obtivera naquele lugar. Quando estavam ocupados daquela tarefa, Car-ul, um chefe vizinho, convidou-os para um banquete. Eles foram e Toscar apaixonou-se desesperadamente por Colna-dona, a filha de Car-ul. Colna-dona não se quedou menos enamorada por Toscar. Um incidente, quando de uma caçada, traz o seu amor a um termo feliz.

[18]Col-amon[19] de inquietas correntezas, sombrio viajante de vales longínquos, diviso o teu curso por entre as árvores, próximo aos salões ecoantes de Car-ul. Lá habitava a formosa Colna-dona, a filha do rei. Seus olhos eram estrelas errantes. Seus braços eram alvos como a espuma das corredeiras. Lentamente, seu colo erguia-se à vista. Sua alma era um veio de luz. Quem, dentre as donzelas, era como a paixão dos heróis?

Ao chamado do rei, dirigimo-nos a Crona[20] das corredeiras: Toscar, da relvosa Leutha, e Ossian, ainda imaturo nos campos. Três bardos tomaram parte com as canções. Três umbonados escudos foram postos diante de nós: era para que erguêssemos a pedra em memória do passado. Às ribas do curso

---

18. Por "Bretanha do Norte", entenda-se Escócia. Tratava-se de uma designação corrente até o início do século passado [N. T.].

19. Colna-dona significa "a paixão dos heróis". Col-amon, "rio estreito". Car-ul, "nevoados olhos". Col-amon, a residência de Car-ul, situava-se na vizinhança da muralha de Agrícola, em direção ao sul. Car-ul parece ter sido da raça dos bretões, que são chamados, por escritores de Roma, pelo nome de "Maiatæ". "Maiatæ" é [um termo] derivado de duas palavras gaélicas: Moi, "uma planície", e Aitich, "habitantes". Portanto, o significado de "Maiatæ" é "os habitantes do país das planícies", um nome dado aos bretões situados nas Terras Baixas, em oposição aos caledônios (i.e., Cael-don, "os gauleses das montanhas"), possuidores das divisões mais montanhosas da Bretanha do Norte [N. M.].

20. Crona, "murmurante", era o nome de um pequeno riacho que desaguava no rio Carron. É frequentemente mencionado por Ossian, e as cenas de muitos de seus poemas se dão às suas margens.
Os inimigos que Fingal derrotou aqui não são mencionados. Eles eram, provavelmente, bretões do interior. Aquela extensão de terra entre os estuários do Forth e do Clyde foi, por toda a Antiguidade, famosa pelas batalhas e escaramuças entre as diferentes nações que dominavam tanto a Bretanha do Norte quanto a do Sul. Stirling, uma cidade situada lá, deriva seu nome dessa circunstância. É uma corrupção do nome gaélico Strila, i.e., "a colina (ou a rocha) de contenção" [N. M.].

musgoso de Crona, Fingal dispersara seus inimigos: como um mar agitado, revolvera os forasteiros. Fomos ao local de renome. Das montanhas, descia a noite. Cortei um carvalho de sua colina e ergui uma chama no alto. Pedi aos meus antepassados para que, das nuvens de seus salões, olhassem para baixo, enquanto, do alto de sua fama, fulguram ao vento.

Durante canção dos bardos, tirei uma pedra do rio. O sangue dos inimigos de Fingal forrava-a coalhado, em meio ao líquen. Ao sopé, coloquei, um por um, três umbos de escudos inimigos, conforme se elevava ou baixava o som da canção noturna de Ullin. Toscar deitou uma adaga sobre a terra, uma cota de malha de ressoante aço. Posicionamos os objetos em torno da pedra, ofertando-a para que falasse a outros anos.

Limosa filha dos rios que ora é posta em evidência, fala para os fracos, ó pedra, depois que a raça de Selma falhar! – Prono, da tempestuosa noite, o viajante se deitará ao teu lado: teu musgo sussurrante ressoará em seus sonhos. Os anos que passaram retornarão. – Batalhas assomam diante dele, reis de anilados escudos descem à guerra: do céu, a escurecida lua contempla o campo revolto. – Com a manhã, ele irromperá dos sonhos e verá os túmulos dos guerreiros ao seu redor. Perguntará sobre a pedra, e os velhos responderão: "Esta pedra cinza foi erguida por Ossian, um chefe de outrora!"

De[21] Col-amon, veio um bardo mandado por Car-ul, o amigo de forasteiros. Convidou-nos para a festa de reis, para a morada da luminosa Colna-dona. Nós fomos ao salão das harpas. Lá resplandecia Car-ul em meio a suas envelhecidas mechas, quando divisou os filhos de seus amigos, como duas árvores frondosas.

Filhos dos fortes, ele disse, vós trazeis de volta os dias de antigamente, quando, pela primeira vez, desci das ondas para o flumíneo vale de Selma.

---

21. Os hábitos dos bretões e caledônios eram tão similares nos dias de Ossian, que se torna indubitável o fato de terem constituído, originalmente, um só povo, descendente daqueles gauleses que inicialmente dominaram a Bretanha do Sul e, gradualmente, migraram para o norte. Essa hipótese é mais racional que as fábulas ociosas de bardos [*senachies*] mal informados, que trazem os caledônios de terras distantes. A mera opinião de Tácito (que, diga-se de passagem, baseava-se unicamente na aparência similar dos caledônios e germânicos de seu tempo), embora tenha confundido alguns homens instruídos, não é suficiente para nos fazer acreditar que os antigos habitantes da Bretanha do Norte pertencessem a uma colônia germânica. A discussão de uma questão como essa pode ser curiosa, mas nunca será satisfatória. Períodos muito distantes encontram-se tão envoltos em obscuridade que nenhuma certeza pode ser ventilada no que lhes concerne. A luz que os escritores romanos sustentam é demasiado efêmera para nos guiar rumo à verdade, através da escuridão que a envolve [N. M.].

Eu perseguia Duth-mocarglos, íncola do vento equóreo. Nossos pais foram inimigos. Encontramo-nos perto das tremulantes águas de Clutha. Ele fugiu pelas ondas, e minhas velas se abriram atrás dele. No mar, a noite fez com que me perdesse. Cheguei à morada dos reis, Selma das donzelas de elevado colo. Fingal veio acompanhado de seus bardos e de Conloch, o braço da morte. Banqueteei três dias no salão e vi os anilados olhos de Eirin, Ros-crana, filha de heróis, luz da raça de Cormac. – Tampouco meus passos partiram para o esquecimento: os reis deram seus escudos a Car-ul. Eles pendem do alto, em Col-amon, em memória do passado. – Filhos dos queridos reis, trazeis de volta os dias de antigamente.

Car-ul arranjou o carvalho das festividades. Pegou dois umbos de nossos escudos. Deitou-os sobre a terra, debaixo de uma pedra, para falarem à raça do herói. "Quando a batalha bramir, disse o rei, e nossos filhos estiverem por se defrontar em ira, talvez minha raça olhe para esta pedra enquanto prepara a lança. – Nossos pais não se encontraram em paz?, eles dirão, e colocarão o escudo de lado".

Caiu a noite. Em meio a suas longas mechas, movia-se a filha de Car-ul. Misturada ao som da harpa, elevou-se a voz de Colna de alvos braços. – Toscar escureceu em seu lugar, em face da paixão dos heróis. Ela surgiu à sua alma atormentada como um feixe de luz ao negro e ondulante oceano: quando irrompe de uma nuvem e ilumina a parte espumosa de uma onda.[22]

* * * * * *

* * * * * *[23]

Com a manhã, nós acordamos os bosques e prosseguimos no caminho das corças. Elas tombaram à margem de seus riachos costumeiros. Retornamos ao vale de Crona. De um bosque veio um jovem, com um escudo e uma lança sem ponta. "Onde, disse Toscar de Leutha, está o fugidio raio de luz? A paz habita em Col-amon, em torno da fulgente Colna das harpas?"

---

22. Aqui, um episódio se encontra completamente perdido ou, no mínimo, é-nos legado de modo tão imperfeito, que não merece um lugar no poema [N. M.].

23. Um dos traços distintivos dos *Poemas de Ossian* é a sua fragmentariedade, tida pelo público dos séculos XVIII e XIX como um indício de sua origem vetusta. Ademais, trata-se de um expediente que leva as imagens ruinosas, que pululam por diversas composições ossiânicas, à própria estruturação do enredo e da linguagem [N. T.].

Em Col-amon de muitas corredeiras, disse o jovem, habitava a alva Colna-dona. Ela habitava, mas seu curso agora está nos desertos, com o filho do rei, aquele que se apoderou de sua alma enquanto esta vagava pelo salão.

Estranho emissário, disse Toscar, marcaste o curso do guerreiro? Ele deve tombar! – Dá-me o teu umbonado escudo! – Em fúria, tomou o escudo. Atrás dele, palpitavam os seios de uma donzela, alvos como o peito de um cisne a erguer-se sobre ondas céleres e errantes. Era Colna das harpas, a filha do rei. – Ao deitar seus anilados olhos sobre Toscar, seu amor se houvera agitado.

Colna-dona: a poem

Argument

Fingal dispatches Ossian and Toscar to raise a stone, on the banks of the stream of Crona, to perpetuate the memory of a victory which he had obtained in that place. When they were employed in that work, Car-ul, a neighbouring chief, invited them to a feast. – They went: and Toscar fell desperately in love with Colna-dona, the daughter of Car-ul. Colna-dona became no less enamoured of Toscar. An incident, at a hunting party, brings their loves to a happy issue.

Col-amon[24] of troubled streams, dark wanderer of distant vales, I behold thy course, between trees, near Car-ul's echoing halls. There dwelt bright Colna-dona, the daughter of the king. Her eyes were rolling stars; her arms were white as the foam of streams. Her breast rose slowly to sight, like ocean's heaving wave. Her soul was a stream of light. – Who, among the maids, was like the love of heroes?

Beneath the voice of the king, we moved to Crona[25] of the streams,

24. Colna-dona signifies *the love of heroes*. Col-amon, *narrow river*. Car-ul, *dark-eyed*. Col-amon, the residence of Car-ul, was in the neighbourhood of Agricola's wall, towards the south. Car-ul seems to have been of the race of those Britons, who are distinguished by the name of Maiatæ, by the writers of Rome. Maiatæ is derived from two Gaelic words, Moi, *a plain*, and Aitich, *inhabitants*; so that the signification of Maiatæ is, *the inhabitants of the plain country*; a name given to the Britons, who were settled in the Lowlands, in contradistinction to the Caledonians (i.e. Cael-don, *the Gauls of the hills*), who were possessed of the more mountainous division of North Britain [N. M.].

25. Crona, *murmuring*, was the name of a small stream which discharged itself into the river Carron. It is often mentioned by Ossian, and the scenes of many of his poems are on its banks. ¯ The enemies, whom Fingal defeated here, are not mentioned. They were, probably, the provincial Britons. That tract of country between the Firths of

Toscar of grassy Lutha, and Ossian, young in fields. Three bards attended with songs. Three bossy shields were born before us: for we were to rear the stone, in memory of the past. By Crona's mossy course, Fingal had scattered his foes: he had rolled away the strangers, like a troubled sea. We came to the place of renown: from the mountains descended night. I tore an oak from its hill, and raised a flame on high. I bade my fathers to look down, from the clouds of their hall; for, at the fame of their race, they brighten in the wind.

I took a stone from the stream, amidst the song of bards. The blood of Fingal's foes hung curdled in its ooze. Beneath, I placed, at intervals, three bosses from the shields of foes, as rose or fell the sound of Ullin's nightly song. Toscar laid a dagger in earth, a mail of sounding steel. We raised the mould around the stone, and bade it speak to other years.

Oozy daughter of streams, that now art reared on high, speak to the feeble, O stone, after Selma's race have failed! – Prone, from the stormy night, the traveller [sic] shall lay him by thy side: thy whistling moss shall sound in his dreams; the years that were past shall return. – Battles rise before him, blue-shielded kings descend to war: the darkened moon looks from heaven, on the troubled field. – He shall burst, with morning, from dreams, and see the tombs of warriors round. He shall ask about the stone, and the aged will reply, "This grey stone was raised by Ossian, a chief of other years!"

[26]From Col-amon came a bard, from Car-ul, the friend of strangers. He bade us to the feast of kings, to the dwelling of bright Colna-dona. We went

---

Forth and Clyde has been, thro' all antiquity, famous for battles and reencounters, between the different nations, who were possessed of North and South Britain. Stirling, a town situated there, derives its name from that very circumstance. It is a corruption of the Gaelic name, Strila, i.e. *the hill, or rock, of contention* [N. M.].

26. The manners of the Britons and Caledonians were so similar, in the days of Ossian, that there can be no doubt, that they were originally the same people, and descended from those Gauls who first possessed themselves of South-Britain, and gradually migrated to the north. This hypothesis is more rational than the idle fables of ill-informed senachies, who bring the Caledonians from distant countries. The bare opinion of Tacitus (which, by-the-bye, was only founded on a similarity of the personal figure of the Caledonians to the Germans of his own time) tho' it has staggered some learned men, is not sufficient to make us believe, that the antient might be curious, but could never be satisfactory. Periods so distant are so involved in obscurity, that nothing certain can be now advanced concerning them. The light which the Roman writers hold forth is too feeble to guide us to the truth, thro' the darkness which has surrounded it [N. M.].

to the hall of harps. There Car-ul brightened between his aged locks, when he beheld the sons of his friends, like two young branches, before him.

Sons of the mighty, he said, ye bring back the days of old, when first I descended from waves, on Selma's streamy vale! I pursued Duth-mocarglos, dweller of ocean's wind. Our fathers had been foes, we met by Clutha's winding waters. He fled, along the sea, and my sails were spread behind him. – Night deceived me, on the deep. I came to the dwelling of kings, to Selma of high-bosomed maids. – Fingal came forth with his bards, and Conloch, arm of death. I feasted three days in the hall, and saw the blue eyes of Erin, Ros-crana, daughter of heroes, light of Cormac's race. – Nor forgot did my steps depart: the kings gave their shields to Car-ul: they hang, on high, in Col-amon, in memory of the past. – Sons of the daring kings, ye bring back the days of old!

Car-ul placed the oak of feasts. He took two bosses from our shields. He laid them in earth, beneath a stone, to speak to the hero's race. "When battle, said the king, shall roar, and our sons are to meet in wrath; my race, shall look, perhaps, on this stone, when they prepare the spear. – Have not our fathers met in peace, they will say, and lay aside the shield?"

Night came down. In her long locks moved the daughter of Car-ul. Mixed with the harp arose the voice of white-armed Colna-dona. – Toscar darkened in his place, before the love of heroes. She came on his troubled soul, like a beam to the dark-heaving ocean: when it bursts from a cloud, and brightens the foamy side of a wave.[27]

* * * * * *

* * * * * *

With morning we awaked the woods; and hung forward on the path of the roes. They fell by their wonted streams. We returned thro' Crona's vale. From the wood a youth came forward, with a shield and pointless spear. "Whence, said Toscar of Lutha, is the flying beam? Dwells there peace at Col-amon, round bright Colna-dona of harps?"

27. Here an episode is entirely lost; or, at least, is handed down so imperfectly, that it does not deserve a place in the poem.

By Col-amon of streams, said the youth, bright Colna-dona dwelt. She dwelt; but her course is now in desarts [sic], with the son of the king; he that seized her soul as it wandered thro' the hall.

Stranger of tales, said Toscar, hast thou marked the warrior's course? He must fall – give thou that bossy shield! – In wrath he took the shield. Fair behind it heaved the breasts of a maid, white as the bosom of a swan, rising on swift-rolling waves. – It was Colna-dona of harps, the daughter of the king. – Her blue eyes had rolled on Toscar, and her love arose.

Referência bibliográfica

ABREU, Mirhiane Mendes de. 2002. *Ao pé da página*: a dupla narrativa em José de Alencar. Tese de Doutoramento. Campinas: Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP.

AGUIAR, Ofir Bergemann de. 1999. *Ossian no Brasil*. Goiânia: UFG.

BÄR, Gerald. 2010. *Poesia de Ossian*: antologia das traduções em português. Porto: Universidade Católica Portuguesa.

BELLEI, Sérgio Luiz Prado. 1999. A virgem dos lábios sem mel. *Luso-Brazilian Review* 36(2):63-80.

BEZERRA CASS, Thiago Rhys. 2010. *Sombras no paraíso*: dos *Poemas de Ossian* à prosa indianista de José de Alencar. São Paulo: Dissertação de Mestrado – FFLCH-USP.

BUESCU, Maria Gabriela Carvalhão. 2001. *Macpherson e o* Ossian *em Portugal*: estudo comparativo-translatológico. Lisboa: Colibri.

CARPENTER, Frederic. 1931. The vogue of Ossian in America: a study in taste. *American Literature* 2(4):405-417.

FRANCHETTI, Paulo. 2006. Apresentação. In: Alencar, José de. *Iracema*: lenda do Ceará. Cotia: Ateliê.

FRIDÉN, Georg. 1949. *James Fenimore Cooper and Ossian*. Upsala: A.-B. Lundequistska Bokhanden.

GASKILL, Howard. 1994. Ossian in Europe. *Canadian Review of Comparative Literature* 21(4):643-675.

_____. 2010. Ossian na Europa. In: Bär, Gerald. *Poesia de Ossian*: antologia das traduções em português. Porto: Universidade Católica Portuguesa.

_____. 2007-2008. The Homer of the North. *Interfaces* 27:13-24. Disponível em: <http://college.holycross.edu/interfaces/vol27/gaskill_essay.pdf>. Acesso em: 01.11.2010.

_____, ed. 2004. *The reception of Ossian in Europe*. New York: Continuum.

GOMES, Eugênio. 1956. *O romantismo inglês*. Porto Alegre: Globo.

HUTCHINS, Kevin. 2002. Pastoral, ideology, and nature in William Blake's *Visions of the Daugthers of Albion*. *Isle* 9(1):1-24.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. *Cursos de estética*. São Paulo: Edusp, 2004, v. 4.

KOZLOWSKI, Lisa. Terrible women and tender men. In: Howard Gaskill; Fiona J. Stafford, ed. 1998. *From Gaelic to romantic*: Ossianic translations. Amsterdam – Atlanta, GA: Rodopi, pp. 119-135.

LAING, Malcolm. 1805. *The poems of Ossian, containing the poetical works of James Macpherson in prose and rhyme*. Edinburgh. v. 1.

LEMAIRE, Ria. 1989. Re-reading *Iracema*: the problem of the representation of women in the construction of a national Brazilian identity. *Luso-Brazilian Review* 26(2):59-73.

MANNING, Susan. 1998. Henry Mackenzie and Ossian or, the emotional value of asterisks. In: Howard Gaskill; Fiona J. Stafford, ed. *From Gaelic to romantic*: Ossianic translations. Amsterdam – Atlanta, GA: Rodopi, pp. 136-152.

_____. 1982. Ossian, Scott, and nineteenth-century Scottish nationalism. *Studies in Scottish Literature* 17:39-54.

_____. 1997. Why does it matter that Ossian was Thomas Jefferson's favourite poet? *Symbiosis* 1(2):219-236.

MARTINS, Wilson. 1977. *História da inteligência brasileira*. São Paulo: Cultrix. v. 3.

McLAUGHLIN, Jack. 1993. Jefferson, Poe, and Ossian. *Eighteenth-Century Studies* 26(4):627-634.

MEYER, Priscilla. 1988. Igor, Ossian, and Kinbote: Nabokov's nonfiction as reference library. *Slavic Review* 47(1):68-75.

MONTIEL, Isidoro. 1969. Ossián en la literatura argentina. *Revista Interamericana de Bibliografía* 19(2):146-179.

MORAES PINTO, Maria Cecília. 1995. *A vida selvagem*. São Paulo: Annablume.

MURPHY, Peter T. 1986. Fool's gold: the Highland treasures of MacPherson's Ossian. *ELH* 53(3):567-591.

PAULO PAES, José. 2008. O falsário verdadeiro. *Armazém literário*. São Paulo: Companhia das Letras, pp. 206-216.

PORTER, James. 2001. "Bring me the head of James Macpherson": the execution of Ossian and the wellsprings of folkloristic discourse. *Journal of American Folklore* 114(454):396-435.

RUTHVEN, K. K. 2001. *Faking literature*. Cambridge: Cambridge University.

STAËL-HOLSTEIN, Madame. 1800. *De la littérature considerée dans ses rapports avec les institutions sociales*. Paris.

STAFFORD, Fiona. 1988. *The sublime savage*: James Macpherson and the *Poems of Ossian*. Edinburgh: Edinburgh University.

THOMSON, Derick S. James Macpherson: the Gaelic dimension. In: Howard Gaskill; Fiona J. Stafford, ed. 1998. *From Gaelic to romantic*: Ossianic translations. Amsterdam – Atlanta, GA: Rodopi, pp. 17-26.

TODD, Janet MacLean. 1986. *Sensibility*. London: Methuen.

TOMBO, Rudolf. 1966. *Ossian in Germany*. New York: AMS.

VAN TIEGHEM, Paul. 1917. *Ossian en France*. Paris: Rieder. 2. t.

_____. 1920. *Ossian et l'ossianisme dans la littérature européenne aux XVIIIE siècle*. Den Haag: J. B. Wolters.

WILLIAMS, Heather. 2003. Writing to Paris: poets, nobles and savages in nineteenth-century Britanny. *French Studies* 57(4):475-490.